

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

O TRABALHO PRECÁRIO E A SAÚDE PRECARIZADA DA MULHER: UMA ABORDAGEM SOBRE AS CONDIÇÕES SOCIAIS DAS TRABALHADORAS NAS UNIDADES DOMÉSTICAS DE PRODUÇÃO DE CONFECÇÕES DE VESTUÁRIO E ACESSÓRIOS EM TORITAMA-PE¹

Vitória Régia Fernandes Gehlen²

Valdenice José Raimundo

Rosiglay Cavalcante Vasconcelos

Maria Magaly Colares de Moura Alencar

RESUMO

A precarização do trabalho a partir da articulação das relações sociais de gênero, emprego e saúde das pessoas trabalhadoras das pequenas unidades domésticas de produção do município de Toritama está relacionada à reorganização do capital com a globalização. Com isso, o objetivo dessa pesquisa é analisar os processos sociais que construíram, para mulheres e homens, as formas de precariedade social e de precarização da saúde no trabalho, em empregos nas unidades domésticas de produção de confecções. Sendo assim, a abordagem teórico-metodológica contemplou o materialismo dialético numa perspectiva de pesquisa interdisciplinar, em que evidenciou a precarização da saúde em decorrência das transformações do mundo do trabalho "flexível".

Palavras-Chaves: Trabalho Precário; saúde; relações sociais de gênero; pequena unidade doméstica de produção de confecções.

ABSTRACT

The precarization of work from the articulation of social relations of gender, employment and health of workers of small domestic units of production of the municipality of Toritama is related to the reorganization of capital with globalization. With this, the goal of this research is to analyze the social processes that have built, for women and men, the forms of social insecurity and precariousness of health at work in domestic jobs in clothing production units. Therefore, the theoretical-methodological approach included the dialectical materialism in interdisciplinary research, which showed the precariousness of health as a result of the transformations in the world of work "flexible".

Keywords: Precarious Work; Health; Gender Social Relations; Small Domestic Unit Production of Confections.

¹ Essa pesquisa faz parte do Projeto de Pesquisa: "As Construções Sociais de Gênero e Raça no Espaço de Produção em Toritama e sua Relação com Meio Ambiente" e o Projeto de Extensão "Questão Social e Arranjo Produtivo Local" realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisa em Gênero, Raça, Meio Ambiente e Planejamento de Políticas Públicas – GRAPP/UFPE, PIBIC/UFPE/CNPq 2008/2009/2010, e que vem sendo desenvolvido no projeto de Pós-Doutorado, "Unidade Domestica de Produção e Relações Sociais de Gênero: Impactos Socioambientais das Atividades Produtivas na Saúde das Pessoas Trabalhadoras nos Arranjos Produtivos Locais de Toritama/PE e Americana/SP" (2009/2010), na Divisão de Saúde Coletiva da UNIFESP, sob a coordenação da Prof^a. Dr^a. Eleonora Menecucci.

² Professora pesquisadora/pós-doutora da Universidade Federal de Pernambuco, do Programa de Pós-graduação em Serviço Social e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Gênero, Raça, Meio Ambiente e Planejamento de Políticas Públicas – GRAPP/UFPE.

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

INTRODUÇÃO

A deteriorização das condições de trabalho e renda e a intensificação das desigualdades sociais e da pobreza são indicadores claros das mudanças que vem ocorrendo no trabalho e nas atividades econômicas ligadas à globalização. O mercado de trabalho e as relações sociais de trabalho são áreas da vida social que mais transformações têm sofrido devido às lógicas estruturais da economia global. A modernização capitalista instala uma nova matriz de desenvolvimento que tem transformado radicalmente a estrutura econômica e social do mundo desde 1970.

A concepção de trabalho tem se modificado, produto das alterações da sociedade e de novos fenômenos laborais como respostas a tais mudanças. A fórmula neoliberal se impõe com a informalização dos empregos passando os encargos dos postos de trabalho para o setor de serviços. A vulnerabilidade aparece em um interstício de um contínuo de inclusão-exclusão e permite explicar melhor o fracionamento que hoje sofre a sociedade, já que às antigas iniquidades sociais se somam as novas, produzindo uma dinâmica social que vai além do dualismo incluído-excluído. Em uma acepção mais ampla o conceito de vulnerabilidade remete à idéia de uma inclusão parcial em diversas esferas da vida política, econômica, social e cultural com sua implicação de risco e insegurança do futuro.

O foco na integração e seu oposto, a exclusão social, fornece a uma perspectiva crítica para estudar as mudanças a partir de uma situação, onde as relações assalariadas são determinadas pelos arranjos institucionais das revoluções neoliberais, nas quais, de certo modo, se retorna a ideologia individualística do início do século XIX. No entanto, o termo precarização tem uma conotação especial que vai além de sua descrição sociológica, o primeiro relaciona-se aos aspectos da experiência do novo mundo do trabalho e

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

seus impactos nas vidas dos indivíduos e das sociedades. Este significado está implícito em desde a desintegração das redes de apoio social, resultado da desregulação do mercado de trabalho e o desmantelamento de instituições da sociedade assalariada, criando um aumento no sentido de precariedade.

Pode-se observar no setor têxtil, especificamente, no setor de confecções, um setor estruturado pela precarização social que toma caminhos diferentes segundo o gênero, a classe e a origem das pessoas trabalhadoras. Este é o fio condutor que foi tecido no curso desta pesquisa por entender que a organização dos processos e dos métodos de trabalho não são alheios ao gênero das (dos) trabalhadoras (es).

A pesquisa tem como objetivo a análise dos processos sociais que construíram, para mulheres e homens, as formas de precariedade social e de precarização da saúde no trabalho, em empregos nas unidades domésticas de produção de confecções, como também as práticas realizadas pelas pessoas trabalhadoras, para resistir ou se adaptar a estas dinâmicas e assim, construir “sua saúde” no trabalho. Para isso, a abordagem teórica contemplada nesse estudo é a dialética, na perspectiva histórica, e que traz o enfoque crítico às relações sociais de produção da sociedade capitalista.

Nessa pesquisa a saúde é entendida não como um estado, mas como uma construção social, um processo dinâmico que insere o corpo, a pessoa, as marcas do trabalho, as condições de vida, o prazer e o sofrimento, tudo o que faz uma história individual em sua singularidade, mas também os aspectos coletivos por influência das múltiplas lógicas no centro das quais ela se insere.

Ao estudar a saúde partiu-se do enunciado de que o mundo do trabalho tem dois sexos, apesar de que os sintomas psicofísicos são semelhantes nos homens e nas mulheres. Contudo, os impactos sobre a saúde de cada sexo são diferentes devido à dupla ou tripla jornada de trabalho da mulher, a discriminação e a repressão sexual. A inserção da

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

análise de gênero nos estudos e pesquisa na área da saúde no trabalho pode contribuir na compreensão do processo saúde-doença e elucidar os diferentes impactos que a exposição aos riscos semelhantes como químicos, ergonômicos e stress nos locais de trabalho.

A ORGANIZAÇÃO DO SETOR TÊXTIL E AS DINÂMICAS DE RECOMPOSIÇÃO NA CIDADE DE TORITAMA

A importância crescente das diversas atividades implantadas em áreas rurais nos países em desenvolvimento vem sendo marcada por uma intensificação das desigualdades sociais em suas áreas urbanas. Estudos que enfatizam a reestruturação da produção e do consumo sob a influência da globalização destacam a criação de áreas regionais duais, no caso em estudo, o Estado de Pernambuco, onde se destacam na Mata Sul, o Pólo de Suape e no Agreste o Pólo de Confecções.

Nessas áreas a especialização funcional leva certos fragmentos das cidades a integrar-se na economia global, enquanto outras são totalmente excluídas tornando-se diretamente ligadas à economia da pobreza. Como um componente da reestruturação política, a descentralização tem sido vista como resultante da crescente segmentação institucional e da separação entre municípios pobres e ricos, uma tendência que ameaça a governabilidade das cidades e intensifica a desigualdade sócio-territorial.

Um foco sobre o processo de diferenciação social e sócio-territorial como efeito da ampliação da exclusão social e do empobrecimento na cidade e fora da cidade coloca esta dualidade em questão. As transformações sociais influenciam como a cidade é construída, percebida e vivenciada através da justaposição de diferentes espaços: produção,

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

comercialização, consumo e residência, que reforça a fragmentação urbana em múltiplos territórios desiguais. (LEFEBVRE, 1991)

Essa perspectiva enfatiza as mudanças ocorridas nas práticas sócio-culturais e nas vivenciais de diferentes grupos, em termos de suas estratégias de trabalho. São práticas adaptativas que propiciaram o surgimento de formas de produzir e vivenciar o trabalho precário, nele incluindo a sociabilidade e construção da identidade, em resposta a emergência de valor e modelo “global” de consumo, e a violência e erosão das redes de seguridade sociais que acompanham o processo de desintegração social levando à precarização do trabalho e conseqüentemente, da saúde.

A deteriorização das condições de trabalho e renda e a intensificação das desigualdades sociais e da pobreza são indicadores claros das mudanças que vem ocorrendo no trabalho e nas atividades econômicas ligadas à globalização. O mercado de trabalho e as relações sociais de trabalho são áreas da vida social que mais transformações têm sofrido devido às lógicas estruturais da economia global. A modernização capitalista instala uma nova matriz de desenvolvimento que tem transformado radicalmente a estrutura econômica e social do mundo desde 1970.

A concepção de trabalho tem se modificado, produto das alterações da sociedade e de novos fenômenos laborais como respostas a tais mudanças. A fórmula neoliberal se impõe com a informalização dos empregos passando os encargos dos postos de trabalho para o setor de serviços. A vulnerabilidade aparece em um interstício de um contínuo de inclusão-exclusão (MINUJIN, 1997) e permite explicar melhor o fracionamento que hoje sofre a sociedade, já que às antigas iniquidades sociais se somam as novas, produzindo uma dinâmica social que vai além do dualismo incluído-excluído.

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Em uma acepção mais ampla o conceito de vulnerabilidade remete à idéia de uma inclusão parcial em diversas esferas da vida política, econômica, social e cultural com sua implicação de risco e insegurança do futuro. (CASTELL, 1998)

O conceito de precarização tem sido parte de um amplo debate na América Latina e também nos países desenvolvidos, tendo em vista a modernização global e as formas e as características dos processos de produção. O termo “*precarização*” pode ser encontrado nos estudos de Robert Castell, em especial, no livro “*As Metamorfoses da Questão Social*”, onde ele reconstrói, historicamente, a transformação das estruturas de integração social, com um interesse especial na capacidade integrativa do emprego e instituições relacionadas ao trabalho.

O foco na integração e seu oposto, a exclusão social, fornece a Castell (1998) uma perspectiva crítica para estudar as mudanças a partir de uma situação, onde as relações assalariadas são determinadas pelos arranjos institucionais das revoluções neoliberais, nas quais, de certo modo, se retorna a ideologia individualística do início do século XIX. No entanto, o termo precarização tem uma conotação especial que vai além de sua descrição sociológica.

O primeiro relaciona-se aos aspectos da experiência do novo mundo do trabalho e seus impactos nas vidas dos indivíduos e das sociedades. Este significado está implícito em Castell (1998) desde a desintegração das redes de apoio social, resultado da desregulação do mercado de trabalho e o desmantelamento de instituições da sociedade assalariada, criando um aumento no sentido de precariedade. Pode-se observar no setor têxtil, especificamente, no setor de confecções, um setor estruturado pela precarização social que toma caminhos diferentes segundo o gênero, a classe e a origem das pessoas trabalhadoras.

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO, GÊNERO E PRECARIZAÇÃO DA SAÚDE

Hirata (2002) sugere como indicadores do trabalho precário a ausência de proteção social e de direitos sociais; as horas reduzidas de trabalho e os níveis baixos de qualificação. Segundo a autora, estes indicadores apontam para uma divisão sexual da precariedade, onde as mulheres são mais numerosas que os homens nos trabalhos informais, e para o fato de que também nos trabalhos por tempo indeterminado as condições laborais podem ser precárias.

Por sua vez, Oliveira (1996, 1999) ressalta que a introdução da perspectiva de gênero no estudo sobre trabalho e saúde pode ser realizada através do processo de socialização de valores que podem determinar os comportamentos de homens e de mulheres no cuidado da saúde e com a forma em que se determinam os espaços feminilizados do mercado de trabalho.

Ao analisar as relações sociais de sexo e psicopatologia do trabalho, Hirata e Kergoat (1988) e Ferreira de Macedo (2006) ressaltam que o par masculinidade/feminilidade recebeu uma contribuição da psicodinâmica do trabalho desenvolvida por Dejours, que aponta a vantagem de se utilizar estas categorias para pensar o trabalho e a gestão sexuada do trabalho.

Ao estudar a saúde partindo do enunciado de que o mundo do trabalho tem dois sexos, Oliveira (1999) levanta o pressuposto de que se os sintomas psicofísicos são semelhantes nos homens e nas mulheres, os impactos sobre a saúde de cada sexo são diferentes devido à dupla ou tripla jornada de trabalho da mulher, a discriminação e a repressão sexual. De acordo com Oliveira, a inserção da análise de gênero nos estudos e pesquisa na área da saúde no trabalho pode contribuir na compreensão do processo saúde-

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

doença e elucidar os diferentes impactos que a exposição aos riscos semelhantes como químicos, ergonômicos e stress nos locais de trabalho.

Corroborando com as autoras acima, Gehlen, Peixoto e Alencar (2009) observa que o novo modelo de produção flexível das indústrias de confecção, em especial as unidades domésticas de produção de confecções, onde a mão-de-obra é predominantemente feminina, vem expondo as pessoas trabalhadoras a condições ambientais desfavoráveis, como excesso de calor, ruído e baixa iluminação que, somado as condições climáticas da região do agreste tem grande influência na saúde.

Esses fatores causam desconforto, aumentam o risco de acidentes e provocam danos consideráveis a saúde de homens e de mulheres, especialmente a temperatura do ambiente de trabalho. A sobrecarga térmica, segundo Couto (2002), influencia no rendimento do trabalho humano, uma vez que, quanto mais quente for o local onde se desenvolve as atividades laborais, tanto menor será a tolerância das pessoas trabalhadoras a atividade física e mental.

A continuidade entre o tempo de trabalho doméstico e assalariado provoca nas mulheres a ampliação de jornadas esgotantes, com conseqüências na saúde e a imposição de tempo parcial aumenta o stress e a fadiga. Para Ferreira de Macedo (2003) o trabalho por produção perturba o tempo de trabalho doméstico e as responsabilidades familiares. A articulação entre tempo, saúde e divisão sexual do trabalho mostra o caráter invisível da situação social e profissional das pessoas trabalhadoras. Esta precarização e a instabilidade que ela instaura promovem a desestabilização das pessoas e dos coletivos sendo a via aberta ao sofrimento e a exploração como sugere a análise da psicodinâmica das situações de trabalho.

As relações sociais intervêm nos compromissos individuais e coletivos que as pessoas trabalhadoras fazem para segurar ou manter a tensão entre trabalho real e presente

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

(FERREIRA de MACEDO, 2003). As relações sociais de gênero estruturam as transformações da organização do trabalho e as novas formas de organização do trabalho não tem as mesmas implicações de trabalho e saúde para os homens e as mulheres, tanto no nível individual ou familiar.

DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO NA UNIDADE DOMÉSTICA DE PRODUÇÃO EM CONFECÇÕES DE TORITAMA/PE

No setor de confecção o processo produtivo e a pouca exigência técnica contribuem para que os mais diferentes indivíduos, não importando idade ou maiores conhecimentos técnicos, sejam inseridos no processo de produção. De acordo com o Plano Diretor de Toritama (2005), 80% da produção de confecções do município são feitas em pequenas produções familiares, estando elas dispersas pela cidade e pela zona rural.

O município possui muitas residências que são adaptadas ao uso misto: parte da unidade familiar é transformada em unidade produtiva também chamada de facção, e outra parte menor é reservada à habitação familiar, lugar para morar. A facção é onde se realiza apenas uma ou mais de uma das etapas da produção da confecção de jeans, como o corte e a costura das peças.

Nesses casos, as peças cortadas, ou cortadas e costuradas, seguem para outras facções ou empresas, onde passam por outras etapas da produção, como caseamento, lavagem e tingimento. A produção, confecção e comercialização das peças em jeans ocupam, além dos cômodos das residências, as vias públicas. (ALENCAR, 2009)

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Com uma população de 21.800 habitantes Toritama tornou-se um dos maiores pólos de confecção de jeans do Brasil. O município produz hoje cerca de 60 milhões de peças por ano, o equivalente a 14% da produção nacional. Existem na cidade 2.196 indústrias, quase todas dedicadas à produção de jeans. Desse total, cerca de 2.000 trabalham na informalidade, sendo 89% delas administradas por unidade familiar. Livres do labirinto burocrático e fiscal, as unidades domésticas empregam cerca de 20 mil pessoas, quase 92% da população do município. A "febre do jeans" atingiu até mesmo a zona rural, outra área do trabalho informal. Dos 21.800 habitantes do município, restaram apenas 1.673 pessoas no campo. (SILVA, 2008)

O desenvolvimento econômico no setor de confecções fez de Toritama uma das maiores cidades produtoras de jeans do país, mas a sua população sofre com a falta de infra-estrutura e investimentos que melhore a qualidade de vida da população e as condições de trabalho. Observa-se, também, um descaso com o meio ambiente através da degradação e do impacto que o tratamento dado aos tecidos usados na confecção provoca no rio Capibaribe, que corta o município de Toritama.

Outro fator ambiental que vem influenciando na saúde das pessoas residentes no município é a qualidade atmosférica do ar, devido à queima de madeira nas caldeiras que lavam e tingem o tecido de jeans. De acordo com a cor da moda, as lavanderias tingem o material para a confecção de calças jeans e ao despejarem os resíduos nas águas do rio, elas tornam-se verde, azul ou marrom. (PALHANO, 2007, SILVA, 2009)

Essas unidades domésticas estão condicionadas ao imperativo do mercado, empregando os membros da própria família e outras pessoas trabalhadoras. Sob a égide da flexibilização, o capital transfere para as pessoas trabalhadoras menos qualificadas, para as pequenas empresas, cooperativas e unidades de produção doméstica uma parcela da produção sem manter vínculos de trabalho formal.

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

O salário por peça transmite uma falsa liberdade ao trabalhador, o valor de cada peça já contém o tempo de trabalho socialmente necessário que determina o valor do trabalho empregado. Desta forma, para ganhar mais, o trabalhador intensifica a jornada de trabalho, permitindo ao capitalista elevar o grau normal de intensidade, rebaixando, assim, o preço do trabalho, prejudicando todos os trabalhadores, e além do mais, ser responsável pela qualidade do produto. (TAVARES, 2004)

O “*patrão-trabalhador*”, o dono da facção ou unidade doméstica, ou seja, o pequeno patrão tem obrigações de empregador e encargos de indústrias, pois os empreendimentos familiares assumem os custos da produção como pagamento aos trabalhadores, água, energia elétrica, compra e manutenção das máquinas e às vezes aluguel de espaços para ampliar a produção. Desta forma, a empresa capitalista, que terceiriza, reduz os custos e aumenta a produtividade e os lucros a custa dos terceirizados.

Toda essa mudança no mundo do trabalho e da produção, entre os anos 1980 e 1990, implantou novas tecnologias e também “ressuscitou” ou intensificou outras formas de trabalho, advindas com o fenômeno da terceirização, como o trabalho em domicílio, executado na residência da própria pessoa trabalhadora, como é o caso das unidades domésticas de confecção cujo trabalho se caracteriza por jornadas de trabalho mais longas, que se estendem, às vezes, pela noite e aos finais de semana e feriados; em locais de trabalho improvisados; na ausência de proteção social; na diminuição do poder de reivindicação e de negociação; na superexploração do trabalho da mulher; na incorporação do trabalho infantil; e em baixos salários.

Além de ocasionar uma invasão ao ambiente familiar, transformando o espaço doméstico em espaço de produção, também utiliza da mão-de-obra de toda a família incorporando o trabalho não-pago, utilizando-se do trabalho infantil, que sendo uma produção

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

doméstica escapa ou oculta da fiscalização do Conselho Tutelar e dos órgãos responsáveis pela segurança do Trabalho e Higiene.

No entanto, fato de ser patrão ou patroa não faz da pequena unidade doméstica de confecção uma empresa capitalista. O “patrão-trabalhador” utiliza a própria força de trabalho na produção demonstrando a falsa autonomia das pequenas unidades familiares. Além de depender da matéria-prima das empresas contratantes e do pagamento ser feito por peça, revelando a subordinação ao capital, as jornadas de trabalho dependem da quantidade de peças que são demandadas e a urgência para entrega. Para aumentar sua remuneração o trabalhador explora a sua própria força de trabalho e sua saúde com jornadas extenuantes de trabalho. (TAVARES, 2004)

Apesar das novas configurações do capitalismo, as relações de exploração inerentes a esse modo de produção, permanecem impondo um desenvolvimento que sobrecarrega e explora todas as pessoas trabalhadoras.

O trabalho em domicílio

A partir do que se estabelece a Organização Internacional do Trabalho - OIT do projeto regional “Trabalhadores a Domicílio na Economia Global”, as autoras Lavinas, Sorj, Linhares e Jorge (1998) propuseram-se a investigar o trabalho a domicílio e as novas formas de contratação. As autoras destacam a heterogeneidade de padrões de produção e emprego, na qual o trabalho a domicílio pode assumir tanto a forma de trabalho artesanal autônomo como de trabalho assalariado registrado ou não, realizando parte do processo ou do produto final. Elas analisaram também a internacionalização do trabalho a domicílio

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

principalmente pelas indústrias de confecção e calçados bem como a feminização e baixa qualidade do emprego.

A flexibilidade permite às trabalhadoras conciliarem as tarefas domésticas e a confecção do jeans. O trabalho domiciliar, como já foi exposto anteriormente, é desprovido de proteção trabalhista, sem qualificação e ascensão funcional, constituindo uma ocupação precária e explorada formando as micro-empresas familiares que subcontratam trabalhadores em sua maioria vizinhos, ou contam apenas com os membros da família. Geralmente, os moldes das peças em jeans seguem para as facções já cortados e os trabalhadores em domicílio realizam o trabalho de costura e montagem. O trabalho é estendido durante a noite e os finais de semana para cumprir o prazo de entrega das encomendas.

As autoras montaram um perfil dos trabalhadores em domicílio verificados em três empresas diferentes e constatam que existem dois modelos de trabalho que se destacam: o home work (trabalho a domicílio) e o home based work (trabalho baseado em casa). O primeiro, inserido na flexibilização do trabalho, torna-se precário através do assalariamento disfarçado, do não reconhecimento de direitos básicos. O segundo é uma das formas mais atuais e inovadoras de trabalhar em casa, a qual traz benefícios para os empregados, com melhores condições de trabalho e qualidade de vida, e abertura de novas possibilidades de inserção no mercado. Estes trabalhadores continuam com todos os benefícios e garantias sociais, além de contar com o apoio do empregador. (LAVINAS et al, 1998)

A exploração das pessoas trabalhadoras a domicílio é muito maior do que aos trabalhadores assalariados no interior da fábrica. O trabalho consome todo o seu tempo livre, os momentos em família já não existem mais. O espaço doméstico tornou-se também espaço produtivo, como se pôde observar em Toritama, onde as residências são adaptadas para serem, também, pequenas unidades domésticas de produção de confecções, tornando-se

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

lugar para morar e lugar para produzir simultaneamente (GEHLEN, 2009). E neste espaço há divisão sexual do trabalho com forte presença feminina.

Em Toritama foi observado que homens e mulheres se dividem nas várias etapas que envolvem o processo de produção das peças. Elas começam no corte das peças (com tesoura elétrica ou comum), seguem para a confecção (em sua maioria realizada por facções), lavagem, que envolve diversas máquinas diferentes: tingimento, neutralização, secagem, engomagem e retornam à confecção para acabamento e só depois é comercializada. Em todo esse processo, ainda pouco automatizado, uma mesma calça pode passar por mais de 20 pessoas diferentes. E, devido à terceirização dos serviços que garantem custos baixos, estas etapas podem envolver empresas diversas, a maioria delas de micro ou pequeno porte. (SILVA, 2008)

De acordo com Roldán (1995) o processo de flexibilização daria origem à formação de uma classe operária “polivalente”, na sua maioria do sexo masculino, segmentado entre o centro do sexo masculino, detentora de mais estabilidade no emprego e cargos que exigem um maior nível de formação, e da periferia masculino e feminino multifuncional. Hirata (2002) ao estudar as conseqüências do processo de reestruturação produtiva na atual divisão sexual do trabalho, afirma que as novas tecnologias trazidas por este processo tendem a reforçar a marginalidade das mulheres e apresentam-se como perigo principalmente às mulheres não qualificadas.

No contexto da flexibilização as mulheres são sobre-representadas nestas formas particulares de emprego; seu acesso ao mercado de trabalho ocorre principalmente pelo viés de empregos atípicos particularmente desfavoráveis em termos de status, remuneração, horários e perspectivas de progresso. (MEULDERS, 2003)

Além das mudanças decorrentes do processo de reorganização do capital, a divisão sexual do trabalho é alterada, também, pelo êxodo rural e pela degradação e impacto

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

ambiental causado pelas atividades produtivas. Gehlen (2009) observa que fica difícil dissociar as relações sociais de gênero das relações sociais com o meio ambiente, considerando-as construções sociais, desenvolvidas em contexto específico e determinado momento histórico, uma vez que representam um conjunto de relações de poder cuja expressão encontra-se nas diferentes instituições da sociedade.

No caso das relações sociais de gênero que são estabelecidas nas unidades de produção de Toritama, observa-se que os processos de produção no qual estão envolvidos os homens e as mulheres, as atividades são divididas entre eles, seja pelo dono (a) das unidades que apontam as tarefas a ser desempenhadas, seja pela qualificação que possuem para determinada atividade do trabalho. Existem atividades que são executadas quase sempre por homens como passar ferro, por exemplo, e se construiu entre os trabalhadores a idéia de que homens e mulheres, no cotidiano da atividade laboral, desempenham tarefas iguais.

As relações sociais se desenvolvem em torno da atividade produtiva e esta atividade, para as pessoas trabalhadoras, transforma todos em sujeitos sem gênero, apenas detentor de sua capacidade produtiva – única característica que interessa ao processo de acumulação do capital. No entanto, as relações sociais de gênero que realmente se dão no dia-a-dia destas pessoas são marcadas por uma divisão de tarefas e atividades que considera a existência de tarefas delegadas pelos patrões que são mais voltadas para os homens (passar ferro e embutir) e outras para mulheres (costurar e limpar as peças) - o que não exclui a homens e mulheres de executar qualquer tipo de atividade ou de tarefa, caso falte algum(a) trabalhador(a).

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Exclusão e Precarização da Saúde

Observam-se na contemporaneidade os avanços científicos da civilização humana como também os limites desse projeto de modernização conservadora, centrado na racionalidade, na técnica e no desenvolvimento informacional, como ressalta Santos (2000). Essa modernização conservadora banaliza e oculta o sofrimento humano e a injustiça social (DEJOURS, 1998). Socialmente, psicologicamente e economicamente desenraizadas, as pessoas excluídas desse processo modernizador, acumulam freqüentemente carências de recursos e de meios, tais como ausência de emprego, ausência de habitação, migração familiar, entre outros.

A exclusão é uma realidade dinâmica caracterizada pela ausência da possibilidade de se beneficiar dos direitos sociais relacionados à sua condição social. A exclusão pode ser econômica e social. De fato, a exclusão coloca outros problemas que não somente a ausência de recursos financeiros. Mas o essencial é que a exclusão está intimamente ligada ao sentimento de inutilidade social e de desvalorização de si mesmo. Isso possibilita um sofrimento psíquico intenso e a dificuldade de se inserir em um tecido relacional. É esse sofrimento que conduz a renúncia dos cuidados com seu próprio corpo e a adoção de comportamentos patogênicos que agravam uma vulnerabilidade às doenças orgânicas e psíquicas. (DEJOURS, 1998)

A precariedade é um processo, e não um estado, onde os excluídos econômica e socialmente, com difíceis condições de vida, são suscetíveis às situações de pobreza efetiva. Na contemporaneidade, a precariedade pode ser definida como *a ausência de uma ou de várias formas de seguridade*, “notadamente aquela do emprego, que possa permitir

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

as pessoas e as famílias de assumir suas obrigações profissionais, familiares e sociais e usufruir dos seus direitos fundamentais”. (WRESINKI, 1996)

A ascensão da racionalização, o acúmulo de capital e a hegemonia das categorias econômicas e sociais, fazem com que as pessoas trabalhadoras passem a ser vistas mais como um objeto, um meio de produção, do que como um ser humano real e dotado de subjetividade. Como consequência, o seu saber e a sua prática foram sendo capturadas de forma a ignorar os aspectos psicológicos e fisiológicos das condições de trabalho. No intuito de resgatar esses aspectos, Dejours (1986, 1994) buscou construir um sistema teórico, por meio da Psicopatologia do Trabalho e da Psicodinâmica do Trabalho, que considerasse todas as dimensões do ser humano, para assim avaliar o quanto a organização do trabalho influencia na obtenção de saúde e bem-estar.

Na concepção de Dejours, o trabalho vai além da materialidade, ou seja, além daquilo que a destreza do trabalhador é capaz de construir, daquilo que pode ser mensurado, o material; mas o trabalho é, também, gestos, a mobilização do corpo inteligência, o saber-fazer, um engajamento do corpo, a capacidade de refletir, de interpretar, de reagir às situações é o poder de sentir de pensar e de inventar (DEJOURS, 2004). Perpassa a saúde na medida em que afeta, através das condições necessárias à sua materialização, não só o corpo, mas também o psíquico das pessoas trabalhadoras.

TORITAMA: COSTURANDO COM FIOS INVISÍVEIS

O método de pesquisa adotado neste estudo tem como pressuposto teórico o materialismo dialético, por compreender que a matéria é uma categoria que indica a realidade

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

objetiva dada ao homem por meio de suas sensações e que existe independente dele (RICHARDSON, 2009). No caso específico da dialética, está vinculada ao processo do debate dialógico entre posições contrárias, que representa a efervescência da dinâmica de uma sociedade, referindo-se ao método de abordagem da realidade. A contemplação da interdisciplinaridade como parâmetro de compreensão possibilita o diálogo dos saberes como uma das condições fundamentais para analisar a problemática ambiental na sociedade dividida em classes sociais. (MINAYO, 2010)

Ao se realizar a pesquisa de campo no município de Toritama, as técnicas utilizadas no estudo foram a observação ordinária e a participante, além de entrevistas. No primeiro momento a observação ordinária, possibilitou visitas preliminares a fim de reconhecer e delimitar a área de trabalho; logo em seguida, a observação participante permitiu acompanhamento nas atividades cotidianas das confecções.

No que se refere às entrevistas, utilizou-se as semi-estruturadas, uma vez que a obtenção de informação permite estabelecer um marco teórico e conceitual congruente com a realidade analisada, através da elaboração de um roteiro de entrevistas - que contiveram questões acerca das relações sociais de classe, gênero, meio ambiente, atividades de renda na unidade produtiva entre outras – e questões nas quais se permitiu a liberdade ao entrevistado de falar sobre a sua realidade. (SORIANO, 2004)

Foram visitadas dez unidades domésticas de produção de confecções, sendo sete situadas no centro urbano e três na periferia da cidade. Foram entrevistados quatro empregados, sendo três mulheres e um homem. Dos entrevistados, quatro eram proprietárias e dois proprietários de unidades domésticas de confecção.

Na conversa inicial com os trabalhadores foi percebido que não ficavam muito à vontade e temerosos em dar respostas que por ventura viessem a comprometer o seu trabalho. Então foi marcado outro local para as entrevistas. Os proprietários (as) facilitaram as

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

entrevistas, embora marcando dias diferentes, e explicaram as divisões das tarefas e das atividades que as pessoas desenvolviam na unidade doméstica de produção de confecção.

Eu trabalho com minha tia desde quando eu tinha dezessete anos. Eu costuro, eu prego a cintura das peças (...) eu fico nesse banco até terminar, e quando tem grande produção a gente vai até tarde, no fim do dia a gente tá morta de cansaço (...) o nariz não para de coçar (...) e dor nas costas é comum (...) já me acostumei, acho que já faz parte de mim (...) pode ser de tanto trabalho, mas todo mundo sente o mesmo (...) não tem como reclamar (...), pois tem que trabalhar também. Mas no período de alta estação (junho-dezembro) eu ganho uns R\$ 300,00 por semana, e para dar conta das encomendas agente trabalha direto, sem parar, ao não ser pra comer aqui mesmo e ir ao banheiro. (E. A., 25, solteira, Curso Básico.).

Sou dona da facção há quatro anos (...) até me chamam de “patroa-costureira”(...) eu sou costureira desde os dezessete anos de idade, mas agora montei a facção (...) é assim que se chama. Aqui eu tenho onze máquinas de costura e ferro de passar (...). Ah, aqui fica perto de casa, é quase no meu quintal (...) uma puxada que eu construí no terreno (...) fica perto de tudo (...) sei que é um trabalho pesado, administrar e cuidar de casa ainda por cima (...), mas aqui tenho mais problemas, tenho de dar as tarefas de cada costureira e de quem tem de passar ferro (...) e ver se saiu tudo direito pra não perder as encomendas. Não posso reclamar de sentir dor (...) elas fazem parte do meu dia e da minha noite (...) tomo remédios (...) nem sempre vou a médico, tomo para dor da coluna e serve bem, pra tudo. Para me acalmar nem sentir nervoso, vivo no chá(...) tá vendo ali no canto a garrafa – é de capim santo, e quem quiser pode beber que resolve. (S. M. S., 42 anos, casada, três filhos, dona de unidade doméstica, ensino Básico).

A facção da entrevistada começou no terraço de casa, depois foi se expandindo até que ela construiu um grande galpão no térreo e sua casa no andar de cima. No período de alta estação é comum os trabalhadores prolongarem sua jornada para dar conta da produção, mas ela compensa as horas extras com um lanche, uma refeição. Quanto aos problemas de saúde, como tendinite, problemas respiratórios, visão, acidentes no trabalho ela já perfurou os dedos algumas vezes na máquina de costura, e se acontece algo com quem trabalha com ela, tem na unidade, uma caixa de primeiros socorros, pois sempre são acidentes tratáveis e ninguém “*quer perder hora de produção*”.

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

Comecei a costurar apenas para alguns conhecidos que vinham aqui em casa e para a família. Depois fui trabalhar em um fabrico da cidade como costureira com prática (...) mas ficava difícil com tantos filhos (...) e agora faz um ano que montei a minha própria facção (...) meus três filhos mais velhos (...) uma filha também. trabalham comigo. Tenho doze máquinas de costura e recebo encomendas de duas empresas, no início eu confeccionava as peças e vendia no parque das feiras (...) Recebo em média oitocentas peças por semana (...) cuido das tarefas de cada pessoa, se tá tudo certo, eu costuro sim (...) mas não sei o rendimento da atividade e quanto cada pessoa recebe por dia (...) quem cuida desses assuntos é meu marido, sei que tenho muito trabalho, tem a casa, tem comida para fazer, levar os filhos pra escola (...) tudo isso cansa a gente (...) tem noite que só durmo com remédio pra dor (...) é um trabalho duro (C. P. 42 anos, natural de Alagoas, reside há 19 anos em Toritama, 9 filhos, casada, ensino fundamental).

Comecei a trabalhar como policial e também era comerciante de calçados, por que aqui naquela época a economia do município era baseada na produção de calçados, de alpargatas de couro, pois tinha muito couro... eu trabalhava em outro Estado e levava os produtos para serem vendidos lá no meu trabalho {...} Eu ia passar as férias em Toritama e fui chamado para ajudar na lavanderia de meu tio, como passador de roupas (...) e em uma semana de trabalho recebi o equivalente ao seu soldo mensal. Então eu saí da policia e montei há doze anos minha própria facção. Trabalho com a família, com minha esposa, os meus dois filhos adolescentes. Recebo aqui cerca de dez mil peças por semana em média cada trabalhador recebe R\$ 180 por semana (...) acho que seria muito mais vantajoso assinar a carteira dos trabalhadores (...) e veja, aqui tem um caderno com a lista do pagamento da semana, veja o pagamento de R\$ 412 que pago a um trabalhador “tá vendo que ninguém quer ganhar um salário mínimo podendo ganhar muito mais, são eles que não querem assinar a carteira”, pois trabalha por produção e ganha mais (...) sim, eu sei que é puxado, o calor às vezes sufoca, mas a gente se acostuma (...) cada um faz seu trabalho e pronto. (J.M.T., 48 anos, casado, 5 filhos, segundo grau completo, Toritama).

Essas pessoas trabalhadoras são compelidas, no início, para o trabalho informal, por não possuírem qualificação e experiência profissional, requisitos exigidos pelas fábricas de confecção local. O “fetiche” da autonomia, do lucro e da falsa liberdade esconde a falta de proteção, a insegurança e a não-garantia dos direitos sociais e trabalhistas. Entre as pessoas trabalhadoras entrevistadas nenhuma contribuía com a Previdência Social, nem tinham plano de saúde, além de ter baixo nível de escolaridade. Demonstravam desconhecimento dos direitos sociais e trabalhistas que um trabalhador em regime formal e

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011

Revista da RET

Rede de Estudos do Trabalho

www.estudosdotrabalho.org

contribuinte possuem como: seguro-desemprego, FGTS, salário mínimo, salário maternidade, jornada de oito horas diárias e 44 horas semanais, férias remuneradas, décimo terceiro salário, repouso semanal remunerado, auxílio acidente, auxílio desemprego, aposentadoria.

Também são constantes os acidentes de trabalho geralmente ocasionados pelas agulhas das máquinas de costura. E queixas de dores nas articulações principalmente no “punho” e na coluna. Em sua grande maioria, os estabelecimentos não possuem uma infraestrutura adequada que garanta as condições de trabalho das pessoas trabalhadoras. As cadeiras são desapropriadas e desconfortáveis, o calor é sufocante, a iluminação é precária e o ar, muitas vezes, é cheio de penugem e pó dos tecidos, resíduos das peças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Procurou-se compreender a inter-relação entre a globalização em curso e o processo de precarização e/ou deteriorização das condições de trabalho, sofrimento e saúde, com fortes impactos nas desigualdades sociais e aprofundamento da pobreza. Considerando-se que o que caracteriza o trabalho precário é ausência de proteção social e a falta de acesso aos direitos sociais das pequenas unidades de confecções nos município de Toritama/PE, esta precarização do trabalho rebate de forma direta na saúde e no sofrimento psíquico das mulheres e dos homens, pessoas trabalhadoras destas unidades domésticas de produção de confecções.

Na tentativa de apreender o que vai além da materialidade do trabalho sem desvincular-se dele na realidade destas pequenas unidades domésticas em Toritama/PE considerou-se o campo empírico, no qual se observou que há um isolamento social, decorrente das longas jornadas de trabalho e da carga laboral a que se submetem as mulheres

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

e os homens para a manutenção das suas condições mínimas de sobrevivências, o que leva ao sofrimento psíquico.

O trabalho informal, sem carteira assinada, como ele é realizado nas unidades domésticas de confecções, não consta nas estatísticas públicas por não estar legalizado junto aos órgãos públicos e continua existindo invisível, como mostra o estudo realizado e a coleta de testemunhos das pessoas trabalhadoras no setor. Evidenciou-se, também, a articulação dessas unidades domésticas de confecção com a esfera dita formal, do emprego declarado, nas empresas que terceirizam suas atividades, a particularidade do setor têxtil residindo desta forma, na dimensão estruturante do trabalho “ilegal”.

Mantendo-se as características do modelo atual, o desemprego/desocupação terá continuidade, condicionando o crescimento do trabalho informal e paralelamente às pequenas unidades domésticas tenderão a crescer. Essas formas de atividade são necessárias ao sistema porque, além de viabilizar a sobrevivência de homens e de mulheres trabalhadores, propicia um grande intercâmbio de bens e serviços entre os dois setores da economia capitalista, o formal e o informal.

O fenômeno existente em Toritama está inserido nesse contexto, de vez que o espaço não se encontra isolado, ele é parte de um quadro maior de relações econômicas, sociais e políticas. É através da crescente precarização do trabalho e da pobreza de região como a nordestina, e de outras regiões considerada mais desenvolvida, como se demonstrou que se pode encontrar a explicação para o crescimento da atividade das unidades domésticas de confecção.

A compreensão das ligações entre as dinâmicas da precarização do emprego e do trabalho e a precarização da saúde foi construída a partir da problemática da articulação das relações sociais através da análise das práticas das pessoas trabalhadoras nas unidades

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

domesticas de produção de confecção. Igualmente procurou-se tornar visíveis os efeitos estruturais da divisão sexual do trabalho na saúde das pessoas trabalhadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, M. **Trabalho Precário e seus Rebatimentos na Saúde das Pessoas Trabalhadoras das Unidades Domésticas de Produção em Toritama**. Trabalho de Conclusão de Curso. Orientadora: GEHLEN, Vitória. Departamento de Serviço Social. Recife, UFPE, 2009.

CASTELL, R. **As Metamorfoses da Questão Social: Uma crônica do salário**. 5 ed. Vozes, 1998.

COUTO, H. A. **Ergonomia Aplicada ao Trabalho Humano em 18 lições**. Belo Horizonte: Ergo Editora, 2002.

DEJOURS, C. **A Loucura no Trabalho**. Estudo da Psicopatologia do Trabalho. 5 ed. São Paulo: Cortez Oboré Editorial, 1998.

_____. **Subjetividade, Trabalho e Ação**. Revista Produção, v.14, n 3, p. 027-034, Set./Dez. 2004.

FERREIRA DE MACEDO, M.B. **Femmes de ménage et veilleurs de nuit: une approche sexuée du travail précaire dans un hotel en France**. Cahiers Ldu Genre, Paris, 2003, n. 35.

_____. **Condições de trabalho e precariedade: o caso de camareiras num hotel da França**. Revista Psicologia Política, 2006, vol. 6, nº11, p.197-212.

GEHLEN, V. R. F. **Unidades Domésticas de Produção e Relações de Gênero: Impactos Socioambientais das Atividades Produtivas na Saúde das Pessoas Trabalhadoras nos Arranjos Produtivos Locais de Toritama/PE e Americana/SP**. Projeto de Pós-doutorado. Divisão de Saúde Coletiva. Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, 2009.

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

_____. **As Construções Sociais de Gênero e Raça no Espaço de Produção em Toritama e sua Relação com o Meio Ambiente.** Projeto de Pesquisa. PIBIC/UFPE/CNPq, 2008/2009/2010. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

GEHLEN, V. R. F.; PEIXOTO, A. C.; ALENCAR, M. M. de. **Da Produção do Espaço ao Espaço da Produção:** os arranjos produtivos locais em Toritama/PE. XIX Seminário Latino-americano de Escolas de Trabajo Social – Guayaquil, Equador: 2009.

HIRATA, H. **A Precarização e a Divisão Internacional e Sexual do Trabalho.** Sociologias, Porto Alegre, ano 11, nº 21, jan/jun 2009 p. 29-41.

HIRATA, H; KERGOAT, D. Rapports sociaux de sexe et psychopathologie du travail. In: DEJOURS, C. **Plaisir et Souffrance dans le travail.** Paris: IÁOCIP, 1988. T. 2.

LAVINAS, L.; SORJ, B.; BARSTED, L.; JORGE, A. **Trabalho a Domicílio:** Novas formas de contratação. 1º ed. Relatório de pesquisa. Genebra: OIT-POLDEV, 1998.

LEFEBVRE, H. **A Vida Cotidiana no Mundo Moderno.** São Paulo: Ática, 1991.

MEULDERS, D. A Flexibilidade na Europa. In: MARUANI, Margaret e HIRATA, Helena (orgs.). In: **As novas fronteiras da desigualdade, homens e mulheres no mercado de trabalho.** São Paulo, Ed. Senac, 2003.

MINAYO, M. C. S. **O Desafio do Conhecimento:** Pesquisa Qualitativa em Saúde. 12 ed. São Paulo: HUCITEC, 2010.

MINUJIN, A. **Estrujados: la clase media en America Latina.** In: Bernardo Kliksberg (comp.). Pobreza, un tema impostergable. 4 edición, Fondo de Cultura Economica, México 1997.

OLIVEIRA, E. M. *et al.* (orgs) **Gênero, Saúde, Trabalho: a dimensão oculta.** Ed. Sindicato dos Bancários, São Paulo, 1996.

_____. **A mulher, a sexualidade e o trabalho.** Ed. Hucitec. São Paulo, 1999.

PALHANO, F. O. **Percepção Ambiental e Gestão do Meio Ambiente de Toritama- PE – estudo da percepção de diferentes atores sociais sobre o rio Capibaribe.** Dissertação de

Estudos do Trabalho

Ano V – Número 9 – 2011
Revista da RET
Rede de Estudos do Trabalho
www.estudosdotrabalho.org

Mestrado. Departamento de Geografia. Mestrado em Gestão de Políticas Ambientais.
Orientadora: GEHLEN, Vitória. Recife, UFPE, 2007.

RICHARDSON, R. J. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. 3 ed. São Paulo: Atlas, 2009.

ROLDAN, M. Nuevos Procesos de Trabajo y Jerarquías de Género en los 90. En: **El trabajo de las mujeres en el tiempo global**. Santiago de Chile: Isis Internacional, CEM, pp. 11-40, 1995.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 2000.

SILVA, A. **As Mudanças no Mundo do Trabalho e sua Repercussão na Pequena Produção Familiar em Toritama/PE**. Trabalho de Conclusão de Curso. Orientadora: GEHLEN, Vitória. Departamento de Serviço Social. Recife, UFPE, 2008.

SOARIANO, Raúl R. **Manual de pesquisa social**. Petrópolis, Rj: Vozes, 2004.

WRESINKI, J. **Ministère de l'emploi et de la solidarité – Haut Comité de Santé Publique**, mai de 1996, La progression de la precarité en France et ses effets sur la santé.